

ESPAÇO, CONFLITO E IDENTIDADE NO MUNDO ANTIGO

VIII ENCONTRO DO
LABORATÓRIO DE ESTUDOS
SOBRE O IMPÉRIO ROMANO
(SEÇÃO ES)



**CADERNO DE
RESUMOS E
PROGRAMAÇÃO**



LABORATÓRIO DE ESTUDOS
SOBRE O IMPÉRIO ROMANO

**VIII ENCONTRO DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS
SOBRE O IMPÉRIO ROMANO (SEÇÃO ES)**

**ESPAÇO, CONFLITO E IDENTIDADE NO
MUNDO ANTIGO**

**VITÓRIA
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE O IMPÉRIO ROMANO

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

VIII ENCONTRO DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS
SOBRE O IMPÉRIO ROMANO (SEÇÃO ES)
Espaço, conflito e identidade no Mundo Antigo
19 a 21 de novembro de 2019
Vitória, Espírito Santo, Brasil



FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO GERAL

Norberto Luiz Guarinello

COORDENAÇÃO NACIONAL

Ana Teresa M. Gonçalves

Carlos Augusto R. Machado

Fábio Duarte Joly

Fábio Faversoni

Gilvan Ventura da Silva

Margarida Maria de Carvalho

COORDENAÇÃO DO LEIR/ES

Gilvan Ventura da Silva

VICE COORDENAÇÃO DO LEIR/ES

Érica Cristhyane M. da Silva

PROFESSORES ASSOCIADOS

Belchior Monteiro Lima Neto

COLABORADORES NACIONAIS

Ludimila Caliman Campos

Roberta Alexandrina da Silva

Silvia Marcia Alves Siqueira

COLABORADORES ESTRANGEIROS

Luis Fernando Oliveira Fontes

Maria Manuela dos R. Martins

Ramón Teja

COMISSÃO ORGANIZADORA

Belchior Monteiro Lima Neto

Érica Cristhyane M. da Silva

Gilvan Ventura da Silva

PROGRAMAÇÃO VISUAL

João Carlos Furlani

MONITORES

Ayla Fernanda Oliveira

Camila Sfalsin Sartório

Davi Taylor Pompermayer

Gabriela Soares L. dos Santos

Igor Pereira da Silva

Jéssica Ladeira

PROGRAMAÇÃO

19 DE NOVEMBRO (3ª FEIRA)

10:00h às 10:30h – **Solenidade de abertura**

10:30h às 12:00h – **Conferência de abertura**

Espaço, identidade e conflito na formação da Hispânia romana (séculos I/II a.C.-I d.C.)

Manuela Martins (UMinho)

12:00h às 13:30h – **Almoço**

13:30h às 15:00 h - **Mesa de palestras 1**

Fábio Vergara Cerqueira (UFPel/CNPq)

Música e identidade no espaço colonial da Magna Grécia: evidências dos suportes de imagem da região ápulo-tarentina

Alessandra André (Ufes/Leir)

Entre a 'oikoumene' e a 'basiliké oikía': a composição do território helenístico no final do século IV a.C.

15:00h às 17:00h – **Mesa de comunicações 1**

João Carlos Furlani (Ufes/Leir/Capes) – Coordenador

"Os guardiões e salvadores da cidade": o terremoto de Constantinopla, segundo João Crisóstomo

João Pedro Rodrigues de Andrade (Ufes/Leir/Capes)

A atuação popular na disputa entre Paulo e Macedônio (337-360): os desdobramentos da Questão Ariana no espaço de Constantinopla segundo as histórias eclesiásticas de Sócrates, Sozomeno e Teodoreto

Anderson Leonardo Vaz Stein (Ufes/Leir/Capes)
História e historiografia do 'Mosella', de Ausônio

Gabriella Torres de Oliveira (Ufes/Leir/Capes)
Paulo Orósio e uso da narrativa bélica como instrumento apologético na obra 'Historiae adversus paganos' (séc. V d.C.)

17:00h às 17:30h – **Intervalo**

17:30h às 19:30 h – **Mesa de comunicações 2**

Igor Pereira da Silva (Ufes/Leir) – Coordenador
Teatro, anfiteatro e circo: espaços heterotópicos, estigmas e representações da cidade de Cartago no 'De Spectaculis', de Tertuliano (séc. II E.C.)

Camila Sfalsin Sartorio (Ufes/Leir)
Cidade, espaço e sagrado sob o Principado: o caso de Atenas segundo Pausânias, em 'Descrição da Grécia'

Amanda Righetti (Ufes/Leir)
Gênero e poder na peça 'Perikeiromene', de Menandro (IV a.C.)

Thiago Henrique dos Passos Félix (Ufes/Leir)
Alexandre Magno e a destruição das cidades como estratégia de domínio territorial da 'Oikoumene': um estudo de caso com base em Diodoro Sículo

Jéssica Ladeira (Ufes/Leir/Fapes)
O espaço nilótico no século I a.C.: identidade e alteridade na 'Geografia', Livro XVII, de Estrabão

Viviane Cabral (Ufes/Leir)

Os mártires da Palestina segundo Eusébio Pânfilo: um estudo à luz das evidências jurídicas dos éditos de perseguição da Tetrarquia

19:30h às 21:30h – **Minicurso:** *Diálogos de História Antiga: Arqueologia, cidade e território*

20 DE NOVEMBRO (4ª FEIRA)

13:30h às 15:00h – **Mesa de palestras 2**

Fábio Duarte Joly (Ufop/CNPq)

Escravidão, espaço e identidade na Roma Antiga

Fernanda Eugénia Puga de Magalhães (UMinho)

A arquitetura doméstica romana como conjunto de espaços interrelacionais e identitários

15:00h às 17:00h – **Mesa de Comunicações 3**

Hariadne Soares da Penha Bocayuva (Ufes/Leir/Capes) – Coordenadora

Os espaços de atuação do mago no Egito tardo antigo: uma abordagem segundo os 'Papiros Mágicos Gregos' e a cultura material

Martinho Guilherme Fonseca Soares (Ufes/Leir/Capes)

Para navegar o mar de águas turvas, preces e ritos, mas não só: as inovações da marinharia na Idade Homérica

Gabriela Contão Carvalho (Ufes/Leir/Fapes)

Integrações no Mediterrâneo Antigo: a fundação de Cirene, na Líbia

Camila Ribeiro Fagundes

Espaço e conflito no mosteiro de Rufiniana: o caso de asilo político dos monges acemetas (séc. V d. C.)

17:00h às 17:30h – **Intervalo**

17:30h às 19:30 h – **Mesa de comunicações 4**

Ayla Fernanda Oliveira (Ufes/Leir/CNPq) – Coordenadora

A atuação da plebe como agente político no último século da República: um estudo sobre Otávio Augusto e sua relação com as massas

Davi Taylor Pompermayer (Ufes/Leir)

Cidade, religião e conflito no Principado: um estudo sobre a atuação missionária de Paulo

Esdra Erlacher (Ufes/Leir)

Educadores na cidade antiga: a atuação dos sofistas/filósofos com base na oração XXXII, 'Ao povo de Alexandria', de Dion de Prusa

Gabriela Soares Lima dos Santos

As matronas romanas na África Proconsular: gênero e representação na descrição de Emília Pudentila na 'Apologia', de Apuleio (séc. II d.C.)

Nathália Wernersbach Chagas Peters

A hospitalidade e a sociabilidade no complexo portuário de Constantinopla conforme o 'Sobre os edifícios', de Procópio de Cesareia

19:30h às 21:30h – **Minicurso:** *Diálogos de História Antiga: Arqueologia, cidade e território*

21 DE NOVEMBRO (5ª FEIRA)

08:30h às 10:30h – **Minicurso:** *Diálogos de História Antiga: Arqueologia, cidade e território*

10:30 às 12:00h – **Mesa de comunicações 5**

José Guilherme Rodrigues da Silva (Ufes/Leir) – Coordenador
A responsabilidade de Aníbal pela Segunda Guerra Púnica na representação dos cartagineses, em Fábio Pictor

Guilherme Aquino Silva (Ufes/Leir/Capes)
Isotopias e heterotopias: a polarização entre o norte e o sul da Ibéria no Livro III da 'Geografia', de Estrabão (27 a.C.-23 d.C.)

Edjalma Nepomoceno Pina (Ufes/Leir)
A disputa entre magos e filósofos sob a ótica de Apuleio: identidade e espaços do poder em Cartago (160-180)

12:00h às 13:30h – **Almoço**

13:30 às 14:30h – **Conferência de encerramento**

Luís Fontes (UMinho)
Territórios, identidades e conflitos na Galécia dos séculos V a VII

RESUMOS

Alessandra André (Ufes/Leir)

ENTRE A OIKOUMENE E A BASILIKÉ OIKÍA: A COMPOSIÇÃO DO TERRITÓRIO HELENÍSTICO NO FINAL DO SÉCULO IV A.C.

O período após a morte de Alexandre, o Grande, foi, muitas vezes, tratado como o conflito pelo conflito. Como revela a própria expressão *guerras dos diádocos*, que encerra em si mesma um estereótipo, o período teria sido marcado apenas pela crise sucessória e pela dissolução do Império Universal. Não queremos negar nem minimizar a existência destes conflitos, pois a guerra já era um antigo instrumento sucessório da própria realeza macedônia. O que buscamos destacar nesta apresentação, é que esses conflitos em torno da sucessão eram algo que há muito fazia parte da *práxis* política macedônia. A questão é que houve uma série de fatores que fez com que, após 323 a.C., os conflitos tivessem maior alcance, tais como: a ausência de um herdeiro vinculado à casa argéada capaz de assumir o poder; a ingente extensão do território a ser governado; e a existência de mecanismos pertinentes à natureza da *basileia* macedônia. Sobre a extensão do Império, uma suposta incapacidade dos diádocos ou de um diádoco de mantê-lo coeso é algo complicado de se afirmar. O fato é que esse Império, conquistado com a força da lança por Alexandre e seu exército, nunca representou uma unidade consolidada. Dado isto, nosso objetivo principal nesta palestra, é analisar como, a partir de uma política agressiva voltada inicialmente para a manutenção da unidade da *oikoumene*, as ações dos *sucessores* de Alexandre, sobretudo os conflitos que envolveram a disputa por territórios, levariam à formação dos chamados reinos helenísticos.

GÊNERO E PODER NA PEÇA *PERIKEIROMENE*, DE MENANDRO (IV A.C.)

Nos propomos analisar a peça teatral *Perikeiromene*, cuja autoria é atribuída a Menandro, um dos expoentes da Nova Comédia. Tal documento tem sua data de produção marcada em 302/301 a.C., dez anos antes da morte de seu escritor, o que a configura o documento como uma obra da maturidade de Menandro. O que nos levou a escolher a peça mencionada acima, no nosso terceiro ano de Iniciação Científica, foi a maneira como o documento expõe a nítida relação de poder exercida de um gênero sob o outro. Além disso, a maneira como isso é explicitado na peça nos abre caminhos para explorar as diferentes formas do gênero masculino exercer o controle sobre o corpo feminino. Dito isso, a peça elucida um conflito entre dois amantes, no qual a mulher tem o cabelo cortado após ser vista pelo seu amado recebendo um beijo de seu irmão. O ato motivado pelo ciúme gera consequências na vida da personagem, a qual se liberta de uma relação de total submissão. Portanto, é possível extrair do documento como os papéis sociais de gênero influenciam na expectativa de comportamento das personagens e como é realizado o exercício de poder de cada gênero no enredo que Menandro compôs. Para a execução da pesquisa será utilizada a Técnica de Análise Categorical, presente no livro *Análise de Conteúdo* de Laurence Bardin. Como instrumental teórico utilizaremos os conceitos de gênero, de Nicole Loraux (2004, p. 9-40) e o conceito de poder feminino, presente nas análises de Mary Beard (2018, p. 41-79). Com isso, focaremos em buscar respostas a respeito do exercício do poder feminino e de que maneira as relações de poder influenciavam-no no contexto helenístico e conforme o pensamento de Menandro.

Anderson Leonardo Vaz Stein (Ufes/Leir/Capes)

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DO *MOSELLA*, DE AUSÔNIO

Escrito no século IV d.C. pelo poeta, tutor e político Ausônio, o *Mosella* é um dos poemas mais conhecidos e estudados da Antiguidade Tardia. Ao se dedicar à escrita sobre o rio que intitula o poema, Ausônio não se ateu a modelos ou pragmatismos de um gênero literário específico, como consequência nos deparamos com um documento que transita entre várias naturezas, sendo classificado como hino, elogio, itinerário, poema didático, entre outros. Portanto, sua riqueza de detalhes e sua alternância entre diferentes temáticas do cotidiano do rio despertam no meio acadêmico as mais variadas interpretações. Nossa proposta reside em apresentar as principais linhas de investigação historiográfica produzidas sobre o documento e como este debate se relaciona com a construção de nosso objeto de pesquisa. Assim, discutiremos as tendências que destacaram o documento sob uma visão da política institucional, a partir de uma propaganda à corte imperial. Abordaremos as interpretações preocupadas com o caráter cultural e de expressão de valores romanos do poeta na paisagem do rio. As interpretações que pensam o *Mosella* como poema de guerra e aquelas que destacam a natureza como elemento ativo da paisagem do rio diante da presença humana. Então, evidenciando avanços e lacunas, temos condições de delimitar uma abordagem de caráter inovador, levando em consideração os fenômenos políticos, culturais e do contexto de guerra na análise do *Mosella*.

Ayla Fernanda Oliveira (Ufes/Leir/CNPq)

A ATUAÇÃO DA PLEBE COMO AGENTE POLÍTICO NO ÚLTIMO SÉCULO DA REPÚBLICA: UM ESTUDO SOBRE OTÁVIO AUGUSTO E SUA RELAÇÃO COM AS MASSAS

Na presente comunicação, nos propomos a analisar a plebe urbana de Roma como um importante agente político no cenário do final da República e constituição do Principado, e como Otávio Augusto conquistou e utilizou do apoio das multidões para consolidação do seu regime. Levamos em consideração nesse estudo o cenário de crise das instituições republicanas, que possibilitou a ascensão de líderes que, através do exército e das relações de clientela, alcançavam o poder. Assim, tentamos entender o perfil da plebe urbana, quais eram suas reivindicações e manifestações e como Augusto fez uso de certas ações para obter a simpatia das massas. Como documentação primária utilizaremos *“As Vidas dos Doze Césares”*, de Suetônio, escritor latino que empregava a biografia para tratar a respeito da vida dos imperadores romanos. E como aporte teórico-metodológico empregaremos, para análise da fonte, a metodologia de Laurence Bardin em seu livro *“Análise de Conteúdo”*, assim como os conceitos de *cidade, conflito, movimentos sociais e liderança*.

Camila Ribeiro Fagundes (Ufes/Leir/Capes)

ESPAÇO E CONFLITO NO MOSTEIRO DE RUFINIANA: O CASO DE ASILO POLÍTICO DOS MONGES ACOMETAS (SÉC. V D. C.)

A região da Anatólia, sob forte influência política da administração imperial da cidade de Constantinopla, foi lugar propício para o florescer e desenvolver de movimentos monásticos entre os anos finais do século IV d. C. e durante todo o século seguinte. A fundação cada

vez mais frequente de mosteiros no interior e também no além muros das cidades, seja pela construção primeira dos edifícios pensada para a funcionalidade de um mosteiro, ou seja, também pelos reusos e transformações adaptativas de espaços e edifícios pré-existentes, denuncia o poder de organização, ocupação e tomada de espaços e territórios físicos e não físicos por parte dos movimentos monásticos constantinopolitanos da época. Por meio da análise da *Vita Hypatii* e das leis de asilo no Código Teodosiano buscamos apresentar de que forma a comunidade monástica do mosteiro de Rufiniana, na altura do V século d. C., reafirma seu poder monasterial quando estabelece um espaço de inviolabilidade capaz de proporcionar asilo político a um grupo de aproximadamente cem monges acemetas confrontando a autoridade do bispo local e recorrendo a ajuda da administração imperial constantinopolitana.

Camila Sfalsin Sartório (Ufes/Leir)

CIDADE, ESPAÇO E SAGRADO SOB O PRINCIPADO: O CASO DE ATENAS SEGUNDO PAUSÂNIAS, EM *DESCRIÇÃO DA GRÉCIA*

Na presente comunicação, nos propomos a realizar um estudo a respeito das questões concernentes à percepção do sagrado e sua projeção no espaço citadino. Sendo assim, consideraremos uma realidade marcada pela experiência religiosa em que o divino atua como elemento ativo na organização do mundo antigo. Desse modo, por meio da análise da relação íntima do homem com os deuses no plano religioso, estudaremos como o sagrado permeava todos os aspectos da vida antiga, inclusive a disposição espacial e usos da cidade como um local de culto e de oferenda aos deuses. Para tanto utilizaremos como fonte textual o livro primeiro de *Descrição da Grécia*, de Pausânias, cuja obra descreve de maneira sistemática a composição

física e espacial dos lugares da Grécia continental, apresentando a cidade como espaço constituído sob a expressão do sagrado em sua forma e monumentalização. No caso, o livro primeiro se refere à Ática, território de Atenas. No que tange ao aporte teórico-metodológico, aplicaremos três conceitos básicos: o de *espaço*, de acordo com Alexandre Guida Navarro (2007); o de *cidade*, segundo José D'Assunção Barros; e o de *sagrado*, proposto por Mircea Eliade (1992).

Davi Taylor Pompermayer (Ufes/Leir)

CIDADE, RELIGIÃO E CONFLITO NO PRINCIPADO: UM ESTUDO SOBRE A ATUAÇÃO MISSIONÁRIA DE PAULO

Na presente comunicação, nos propomos a realizar um estudo a respeito da configuração da cidade greco-romana como um espaço religioso plural. Para tanto, analisaremos o *conflito* estabelecido entre Paulo e os diversos grupos religiosos presentes nas cidades por onde o apóstolo pregou no decorrer da expansão missionária cristã, buscando captar como a atuação de Paulo foi recebida pelos gentios e pelos judeus. Como documentação textual utilizaremos o livro *Atos dos apóstolos*, escrito por um suposto Lucas, no qual o autor descreve os primeiros passos dados pelos judeus crentes em Jesus após a morte do Messias. Dentre as informações contidas em *Atos*, temos o relato das viagens missionárias de Paulo pelo Oriente, que teriam sido acompanhadas por Lucas. Nesse primeiro ano de pesquisa, buscaremos investigar como ocorreu o contato entre o apóstolo Paulo e os grupos religiosos das cidades por onde passou, a sua forma de pregação da Boa Nova, os espaços urbanos nos quais ocorria a pregação e a reação dos gentios e judeus, que via de regra se mostraram hostis à pregação do apóstolo. Como aporte teórico, nos apoiamos, em primeiro lugar, nas reflexões de Assunção Barros sobre

a *História Urbana* e a cidade. Em seguida, empregaremos os seguintes conceitos básicos: o de *representação*, segundo Chartier; o de *identidade*, de acordo com Silva; e o de *conflito*, tal como proposto por Bobbio.

Edjalma Nepomoceno Pina (Ufes/Leir)

A DISPUTA ENTRE MAGOS E FILÓSOFOS SOB A ÓTICA DE APULEIO: IDENTIDADES E ESPAÇOS DO PODER EM CARTAGO (160-180)

Em Cartago, coabitavam diversos grupos que, por meio de práticas distintas, disputavam a autoridade no campo do sagrado. Praticantes de magia, sacerdotes e adivinhos se apropriaram de espaços da cidade e eram vistos como verdadeiros agentes de poder em seus territórios. Dentre esses indivíduos, encontra-se Apuleio, filósofo que buscou conciliar a doutrina platônica com a devoção aos deuses romanos, atribuindo, assim, o status de *sagrado* à sua filosofia. Percebe-se, em seus discursos, uma série de estratégias com o intuito de diferenciar-se em meio aos demais grupos religiosos e filosóficos. Apuleio converteu o teatro de Cartago em seu território de poder, local onde teceu representações de si e do *Outro*. No âmbito da representação de si, o autor situa sua própria figura como exemplo de autoridade filosófica e religiosa. No que se refere à sua visão do *Outro*, destaca-se a representação acerca dos praticantes de magia, estigmatizados como mulheres perigosas, assassinas e adúlteras. Tendo em vista que a delimitação de identidades, muitas vezes, é um desdobramento das disputas por poder, a atuação filosófica deste autor trata-se de um testemunho das relações políticas presentes no cotidiano de Cartago.

Esdra Erlacher (Ufes/Leir)

EDUCADORES NA CIDADE ANTIGA: A ATUAÇÃO DOS SOFISTAS/FILÓSOFOS COM BASE NA ORAÇÃO XXXII, AO POVO DE ALEXANDRIA, DE DION DE PRUSA

O objetivo dessa comunicação é analisar a atuação dos sofistas/filósofos, no período do Principado romano, como indivíduos portadores da paideia, representantes de seus concidadãos perante o Império e, sobretudo, como professores de suas comunidades, que circulavam pelas cidades declamando seus discursos. Para tanto, recorreremos a oração *Ao povo de Alexandria*, de Dion de Prusa, em que o autor critica o mau comportamento da população nos espaços públicos, em especial no teatro e no hipódromo e, portanto, utiliza a ocasião para educar os alexandrinos através de uma admoestação. Assim, o autor constrói certa representação sobre o espaço físico da cidade e os costumes da população. Utilizaremos como aporte metodológico a Análise de Conteúdo, de Bardin, e como aporte teórico os conceitos: de representação, segundo Chartier; de 'paideia', de acordo com Carvalho; de identidade, tal como proposto por Silva; e, por fim, de isotopia e heterotopia, desenvolvidos por Lefebvre.

Fábio Duarte Joly (Ufop/CNPq)

ESCRavidÃO, ESPAÇO E IDENTIDADE NA ROMA ANTIGA

Ao final da Cena Trimalchionis, um dos convivas libertos dispara que fora escravo por quarenta anos, mas ninguém sabia se era escravo ou livre (Sat. 57.9). Esta passagem do *Satyricon* remete a uma questão recorrente nas fontes literárias e epigráficas do Alto Império Romano, a saber, a indeterminação - ou embaçamento (*blurring*), diriam alguns estudiosos, como Kostas Vlassopoulos, pensando o contexto ateniense

– de status na vida cotidiana das cidades antigas, sobretudo nos seus espaços públicos. Escravos, libertos e livres, cidadãos e não cidadãos, confundiam-se em determinados espaços, colocando em xeque as distinções legais e correspondentes identidades. Esse fenômeno advoga a necessidade de modelos alternativos para pensar a vida social e política no mundo antigo. Esta palestra tem como objetivo debater esse ponto a partir de exemplos da literatura da época Júlio-Cláudia, em que se assiste precisamente uma maior preocupação em definir o status legal dos libertos.

Fábio Vergara Cerqueira (UFPel/CNPq)

MÚSICA E IDENTIDADE NO ESPAÇO COLONIAL DA MAGNA GRÉCIA: EVIDÊNCIAS DOS SUPORTES DE IMAGEM DA REGIÃO ÁPULO-TARENTINA

Uma cidade colonial como Tarento, fundada pelos espartanos em 704 no Sul da Itália, no Golfo de Tarento, banhada pelo Mar Jônico, formase culturalmente a partir da combinação de diferentes referenciais identitários. De um lado, a memória, entre os descendentes dos colonos fundadores, de uma herança cultural lacônica, realimentada e redelineada ao longo do tempo; de outro, os valores culturais desenvolvidos pela própria comunidade de gregos da cidade colonial; por fim, graus variados de influência da cultura regional, de povos não-gregos que habitam em diferentes momentos a região da Apúlia, em especial as três microrregiões da Messápia, Peucécia e Dáunia, e que formam com os tarentinos uma espécie de *koiné* ápulo-tarentina. A cultura material e a iconografia evidenciam um processo de transculturação, gerando uma cultura com uma ancoragem identitária heterogênea. As informações sobre a música, no ambiente social e cultural da cidade grega de Tarento, mas também em contextos não-gregos, registradas por meio de suporte imagético e da cultura

material, trazem elementos significativos para se refletir sobre os complexos processos de construção, redefinição e afirmação de identidade cultural, marcados por ambiguidades e ambivalência, testemunhando o hibridismo identitário no mundo colonial grego. Ao mesmo tempo, evidenciam o lugar de destaque que a música ocupava nos jogos identitários.

Fernanda Eugénia Puga de Magalhães (UMinho)

A ARQUITETURA DOMÉSTICA ROMANA COMO CONJUNTO DE ESPAÇOS INTERRELACIONAIS E IDENTITÁRIOS

Difundida a partir de finais do século II a.C., a partir do Levante ibérico, o modelo de casa itálica expandiu-se progressivamente para os territórios do interior da Península Ibérica, acabando por se generalizar no contexto das novas fundações urbanas que terão lugar após o fim das guerras cantábricas. Assim, é possível reconhecer que, a partir de Augusto, as diferentes regiões da Hispânia vão conhecer um amplo processo de standardização cultural das habitações urbanas de elite, em que se reconhece a disseminação de uma linguagem arquitetónica, bastante flexível, que tira partido de um léxico de formas, originariamente desenvolvido em Itália, ainda que alguns dos seus traços remontem às tradições helenísticas do Oriente. A disseminação alargada da linguagem arquitetónica itálica, aplicada às casas, quer nos contextos das novas fundações urbanas, de que são exemplo *Bracara Augusta* e *Complutum*, na Tarraconense, ou *Augusta Emerita*, na Lusitânia, quer em núcleos urbanos que se desenvolvem a partir de povoados indígenas, como acontece com *Conimbriga*, cidade da Lusitânia, contribuiu para consolidar os espaços urbanos, mas também a sociedade provincial, na qual emerge uma nova elite hispano-romana, que reelabora os aspetos essenciais das funções sociais

associadas aos espaços da casa de prestígio. Nelas se incluem os átrios e os vestíbulos, destinados a impressionar a clientela, ou os jardins porticados, envolvidos por salões de recepção, os quais se tornam em espaços que transmitem a identidade dos elementos de elite de qualquer cidade, fossem eles originários da Itália, ou descendentes de indígenas. As residências passam então a estruturar-se em função de um conjunto de espaços que se organizam em torno de áreas abertas (atria), ou ajardinadas (*peristilum*), independentemente da sua dimensão e configuração, aspetos que resultavam da sua adequação à topografia das cidades e da riqueza dos seus proprietários ou das suas atividades quotidianas. Usando um conjunto de exemplos de casas de várias cidades procuraremos demonstrar como as *domus*, para além de servirem as necessidades de residência da família, representam, na verdade, um conjunto de espaços arquitetónicos interrelacionáveis que transmitem a identidade de quem neles residia.

Gabriela Contão Carvalho (Ufes/Leir/Fapes)

INTEGRAÇÕES NO MEDITERRÂNEO ANTIGO: A FUNDAÇÃO DE CIRENE, NA LÍBIA

No século VII a.C., os gregos fundaram a *apoikía* de Cirene na Líbia, e, dois séculos mais tarde, V a.C., Heródoto, por meio de sua fonte, *História*, nos fornece uma narrativa sobre o desenrolar dessa colonização. A representação que Heródoto constrói sobre o território da Líbia e seus habitantes, nos permite compreender a maneira como os gregos desse período interagiam com as demais culturas mediterrâneas. Por meio de seu relato percebemos que a fronteira entre gregos e líbios ultrapassa a noção de fronteira simplesmente geográfica e estática, caracterizando-se como uma fronteira dinâmica e multifacetada. Sendo assim, pretendemos, por meio dessa comunicação, analisar a fundação de Cirene, na Líbia. Para tanto,

utilizamos como fonte a obra de Heródoto, *História*, bem como relatórios arqueológicos do sítio de Cirene. Tendo em vista que a narrativa de Heródoto foi elaborada no século V a.C., mas, o autor se refere a fundação de Cirene, que se concretizou no século VII a.C., optamos por investigar como era esse espaço de trocas, de migração e de integração, conhecido como mar Mediterrâneo. E, conseqüentemente, analisaremos o processo de fundação de *apoikía* na África do Norte pelos tereus. Nossa proposta é investigar o Mediterrâneo Antigo: geografia, clima, características do mar, e, em conexão, o movimento de expansão grego nesse espaço. Contudo, pretendemos analisar de forma específica como se deu a fundação de Cirene, e de que forma ocorreu a apropriação do espaço líbio pelos gregos.

Gabriela Soares Lima dos Santos (Ufes/Leir)

AS MATRONAS ROMANAS NA ÁFRICA PROCONSULAR: GÊNERO E REPRESENTAÇÃO NA DESCRIÇÃO DE EMÍLIA PUDENTILA NA *APOLOGIA*, DE APULEIO (SÉC. II D.C.)

Por meio desta comunicação, nos propomos a analisar o modo contraditório pelo qual Apuleio, em *Apologia*, retrata sua esposa Emília Pudentila, ora a representando como uma frágil viúva, imposta por seu sexo a contrair um novo matrimônio, ora a identificando como uma *mulier libera* com agência sobre seus atos públicos. Para a leitura da fonte, aplicaremos o método de *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin. Para melhor construção e embasamento de nossa hipótese, serão utilizados os conceitos de *gênero*, *representação* e *estigma*, tratados por Joan Scott, Roger Chartier, Scotson e Goffman, respectivamente. Tais conceitos foram escolhidos devido ao modo pelo qual Apuleio retrata sua esposa, construindo uma representação pautada em aspectos de gênero.

Gabriella Torres de Oliveira (Ufes/Leir/Capes)

PAULO ORÓSIO E USO DA NARRATIVA BÉLICA COMO INSTRUMENTO APOLOGÉTICO NA OBRA *HISTORIAE ADVERSUS PAGANOS* (SÉCULO V D.C.)

Durante o século V, o Império Romano sofreu com transformações políticas, econômicas, sociais e principalmente religiosas. Além disso, terremotos, guerras, invasões bárbaras e epidemias virulentas formaram a combinação de fatores que geraram ainda mais a ideia do colapso imperial. Neste contexto, os embates entre romanos adeptos da religião tradicional e cristãos cresceram, o primeiro culpava os cristãos de não participarem das cerimônias, o que gerava alterações na *pax deorum* e sem a concórdia entre deuses e homens o Império estava fadado a sofrer com o abandono e o caos. Por conseguinte, concebemos a importância dos escritos apologéticos para este momento da história, pois foi a forma encontrada pelos cristãos de formular respostas aos pagãos que os incriminavam. Dentro deste contexto analisaremos a obra *Historiae adversus paganos*, escrita por Paulo Orósio, um escritor ibérico do século V, que a produziu entre os anos de 416-418 d.C., e que procurou demonstrar para os pagãos a sequência cronológica da história, utilizando como fator preponderante a narrativa bélica, buscando, assim, comprovar que existiam desgraças e demasiadas guerras nos séculos antecessores ao cristianismo, sendo o tempo em que eles viviam uma época de paz e harmonia sob a *Christiana Tempora*.

Guilherme de Aquino Silva (Ufes/Leir/Fapes)

ISOTOPIAS E HETEROTOPIAS: A POLARIZAÇÃO ENTRE O NORTE E O SUL DA IBÉRIA NO LIVRO III DA GEOGRAFIA, DE ESTRABÃO (27 A.C.-23 D.C.)

Por meio desta comunicação, apresentaremos a maneira pela qual Estrabão, no Livro III da sua obra *Geografia*, realiza uma polarização entre os espaços do norte e do sul da Ibéria. Para tanto, Estrabão se vale dos traços culturais dos povos que habitavam as diferentes regiões da Ibéria, efetuando uma dicotomia entre povos civilizados e selvagens. Além de utilizar aspectos ligados à identidade dos povos ibéricos, Estrabão também recorre aos aspectos do espaço físico das duas regiões, defendendo o pensamento de que o ambiente influencia a configuração política e social dos agrupamentos humanos. Nesta comunicação, daremos ênfase à descrição de Estrabão acerca da construção dos espaços urbanos na Ibéria, visto que, para ele, a vida na *pólis* é o principal marcador de diferença entre povos civilizados e selvagens.

Hariadne da Penha Soares Bocayuva (Ufes/Leir/Capes)

OS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO DO MAGO NO EGITO TARDO ANTIGO: UMA ABORDAGEM SEGUNDO OS PAPIROS MÁGICOS GREGOS E A CULTURA MATERIAL

Ao analisarmos a profissionalização dos mistagogos, os magos dos 'Papiros Mágicos Gregos' como *theioi andres*, homens divinos, e sua atuação como agentes de poder no Egito tardo antigo, entre os séculos III e V d. C., observamos que eles desfrutavam de um profundo conhecimento acerca dos saberes esotéricos, adquiridos por meio de uma rígida formação na magia, baseada na experiência ascética e na iniciação mística, cujo objetivo era tornar o mago-aspirante apto a

receber os poderes miraculosos das divindades e toda panóplia de feitiços, amuletos, poções, fórmulas, hinos e técnicas de adivinhação que estavam à disposição apenas dos seres sobrenaturais. Em virtude dos poderes de que desfrutavam e que poderiam oferecer aos indivíduos e às comunidades, os magos, eram importantes *theioi andres* e seu espaço de atuação estendeu-se do século III ao V d. C., nas regiões do Vale do Nilo, como podemos observar no estudo da coletânea de feitiços conhecida como ‘Papiros Mágicos Gregos’ e na cultura material, em especial a análise de amuletos, que nos revelam o caráter dinâmico da religiosidade mágico-religiosa do Egito tardo antigo.

Igor Pereira da Silva (Ufes/Leir/Fapes)

TEATRO, ANFITEATRO E CIRCO: ESPAÇOS HETEROTÓPICOS, ESTIGMAS E REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE CARTAGO NO *DE SPECTACULIS*, DE TERTULIANO (SÉC. II E.C.)

Na presente comunicação, buscaremos explicitar a análise da representação dos espaços de espetáculo no contexto da Cartago do final do século II E.C. e início do III E.C. por meio do *De Spectaculis*. Para eficiente abordagem metodológica da fonte, utilizaremos a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. Instrumentalizaremos o conceito de representação, de Roger Chartier, de identidade, de Tomas Tadeu da Silva, de heterotopia, de Henri Lefebvre e estigma de Erving Goffman. Por intermédio destes instrumentos teórico-metodológicos, analisaremos o modo como Tertuliano descreve e atribui signos estigmatizantes aos frequentadores dos espaços dos espetáculos, como são os anfiteatros, os teatros e os circos. Utilizando de tal mecanismo, Tertuliano constrói a representação desses lugares como heterotópicos para a comunidade cristã cartaginesa, definida como

contrária ao grupo dos pagãos, conferindo uma identidade ao grupo de cristãos cartagineses entre os séculos II e III E.C.

Jéssica Ladeira (Ufes/Leir/Fapes)

O ESPAÇO NILÓTICO NO SÉCULO I A.C.: IDENTIDADE E ALTERIDADE NA *GEOGRAFIA*, LIVRO XVII, DE ESTRABÃO

A presente comunicação tem por objetivo analisar o espaço nilótico na *Geografia*, Livro XVII, de Estrabão, por meio da constatação das isotopias e heterotopias identificadas na obra, e as representações construídas mediante seu ideal greco-romano, que situa os indivíduos menos romanizados como o diferente, os colocando no lugar da alteridade. Para auxiliar na leitura da fonte, empregaremos o aporte metodológico de Laurence Bardin, em *Análise de Conteúdo*, em conjunto com os conceitos de espaço, representação, estigma, isotopia, heterotopia, identidade e alteridade. Estrabão descreve o território etíope colocando seus habitantes e o lugar como decaídos, utilizando termos pejorativos, como trogloditas. Essa estigmatização se opõem ao Delta do Nilo, onde não elenca atributos diminutos, e sim louváveis, aludindo à sua origem, e ao poder vigente da *oikoumene* no século I a.C.

João Carlos Furlani (Ufes/Leir/Capes)

“OS GUARDIÕES E SALVADORES DA CIDADE”: O TERREMOTO DE CONSTANTINOPLA, SEGUNDO JOÃO CRISÓSTOMO

O que convencionamos chamar de Antiguidade Tardia é um período turbulento por excelência, haja vista a confluência de permanências, rupturas e transformações, sejam elas políticas, religiosas, sociais,

culturais ou geográficas. Nesse cenário, as práticas religiosas são responsáveis por proporcionar uma série de episódios exemplares sobre a complexidade desses séculos. Ao refletirmos sobre a expansão do cristianismo e sua institucionalização, por exemplo, nos deparamos com uma série de situações que envolvem importantes questões para a compreensão das representações e dos usos do espaço pelos cristãos. Isso fica claro ao refletirmos sobre a atuação de João Crisóstomo em Constantinopla, entre 398 e 404, momento em que atuou como bispo da cidade. Nesse sentido, daremos atenção, nesta comunicação, à homilia intitulada *De terrae motu*, escrita por João em decorrência de um terremoto que assolou Constantinopla, em 398 ou 400. Buscaremos demonstrar que, como bispo da Capital, João deu continuidade à pregação iniciada em Antioquia, na qual a preocupação com a relação entre Igreja e espaço citadino era evidente, uma vez que permanecia em sua luta para transformar a cidade e sua paisagem em autênticos espaços de devoção, seguindo os preceitos cristão, sobretudo os ascéticos.

João Pedro Rodrigues de Andrade (Ufes/Leir/Capes)

A ATUAÇÃO POPULAR NA DISPUTA ENTRE PAULO E MACEDÔNIO (337-360): OS DESDOBRAMENTOS DA QUESTÃO ARIANA NO ESPAÇO DE CONSTANTINOPLA SEGUNDO AS HISTÓRIAS ECLESIÁSTICAS DE SÓCRATES, SOZOMENO E TEODORETO

Na presente comunicação, temos por objetivo analisar os movimentos populares que tomaram lugar em Constantinopla, entre os anos de 337 e 360, em decorrência da disputa entre Paulo e Macedônio pelo cargo bispal. A querela entre os dois teve início com a morte do bispo Alexandre, em 337, e se inseriu no contexto da chamada Questão Ariana, discussão teológica que preconizava a diferenciação em natureza e majestade entre o Pai e o Filho, sendo esse inferior na

Trindade. Macedônio era de inclinação ariana, enquanto Paulo era defensor da consubstancialidade e do credo de Niceia. A população citadina, nessa conjuntura, se dividiu em dois grupos rivais em apoio aos prelados, envolvendo-se em tumultos e choques violentos pelas ruas e praças da cidade. O engajamento popular, entretanto, não pode ser reduzido à cooptação por parte das elites eclesiásticas dos cidadãos, como massa de manobra. Tais ações coletivas suscitam dimensões identitárias, uma vez que cada grupo afirmava ser detentor da ortodoxia, e também espaciais, tendo em vista o embate entre os fiéis pelo domínio sobre os espaços públicos e igrejas, o que alterou significativamente a paisagem e o cotidiano de Constantinopla.

Luís Fontes (UMinho)

TERRITÓRIOS, IDENTIDADES E CONFLITOS NA GALÉCIA DOS SÉCULOS V A VII

Os séculos V-VII constituem, no noroeste da Península Ibérica, tal como em praticamente toda Europa ocidental, um período de profundas mudanças políticas, económicas, sociais e culturais, que acompanharam o fim do domínio romano e a emergência dos primeiros reinos cristãos e cujo panorama historiográfico tem vindo a ser renovado e enriquecido desde uma perspetiva arqueológica, renovando-se igualmente o interesse por parte dos historiadores. Tendo por base os novos e abundantes dados proporcionados pela investigação arqueológica, bem como as releituras das fontes escritas, em particular da *Crónica de Idácio*, ensaiaremos uma aproximação ao processo histórico que se desenrolou na *Gallaecia* dos séculos V-VII, procurando definir territórios, caracterizar identidades e aclarar conflitos.

Manuela Martins (UMinho)

ESPAÇO, IDENTIDADE E CONFLITO NA FORMAÇÃO DA HISPÂNIA ROMANA (SÉCULOS I/II A.C.-I D.C.)

O significativo avanço no conhecimento registado nas últimas décadas, relativo às características organizacionais e identitárias da vasta panóplia de comunidades dos finais da Idade do Ferro, que ocupavam o território que viria ser integrado na Hispânia romana, alterou a nossa compreensão dos processos de interação entre indígenas e romanos, permitindo suscitar novas problemáticas de investigação e desenvolver novos modelos interpretativos da formação da sociedade romana provincial. No que respeita às sociedades dos finais da Idade do Ferro foi possível reconhecer uma significativa diversidade de contextos étnicos, sociopolíticos, económicos e culturais, mas também uma forte dimensão ritual e identitária, quer nos padrões de povoamento, quer nos contextos construtivos dos povoados, desde as casas às fortificações, que passaram a ser entendidas como expressões simbólicas que reproduziam os estatutos individuais e as identidades dos diferentes grupos socio culturais que mapeavam o território, num período em que essas sociedades se encontravam em processo de mudança. De facto, a partir do século II a.C. a presença romana na Península Ibérica faz-se sentir não só em termos militares, como também culturais, através de múltiplas interações que se foram estabelecendo com as populações indígenas, as quais acabaram por suscitar o desenvolvimento de novas identidades. Assim, a paisagem sociopolítica, cultural e simbólica das diferentes regiões peninsulares era assaz diversificada quando, terminadas as guerras cantábricas, em 19 a.C., elas foram integradas no Império.

Martinho Guilherme Fonseca e Soares (Ufes/Leir/Capes)

PARA NAVEGAR O MAR DE ÁGUAS TURVAS, PRECES E RITOS, MAS NÃO SÓ: AS INOVAÇÕES DA MARINHARIA NA IDADE HOMÉRICA

O título desta comunicação remete ao mar de águas turvas, escuro e agitado que afoga navios e marinheiros, e é alvo de constantes referências de Homero ao longo da *Odisseia*. Por meio de epítetos variados, o poeta elabora uma representação do espaço marítimo voltada para seus aspectos tenebrosos. A partir do século VIII a.C., no contexto de expansão dos gregos rumo à fundação de suas *apoikiai* no ocidente do Mediterrâneo, tornou-se imprescindível aos navegantes aqueus, vencer esse espaço inóspito, morada de monstros e seres mitológicos. Foi preciso, então, recorrer aos deuses e deusas que faziam do mar, lugar de suas hierofanias. Contudo, esses navegantes – os *nautai*, como os identifica o poeta – não se entregaram, tão somente, à benevolência dessas divindades. No plano das técnicas, aprimoraram suas habilidades construtivas, aplicando-as na carpintaria naval. Ao mesmo tempo, desenvolveram um conjunto de habilidades relacionadas à criação de instrumentos para a navegação, bem como outras, atinentes a uma atenta observação das condições do espaço marítimo, que os permitia navegar, com relativa segurança, pelas águas agitadas do Mediterrâneo. A estes dois aspectos da marinharia na Idade Homérica – ritos e técnicas navais –, é dedicado este texto.

Nathália Wernersbach Chagas Peters (Leir/Ufes)

A HOSPITALIDADE E A SOCIABILIDADE NO COMPLEXO PORTUÁRIO DE CONSTANTINOPLA CONFORME O *SOBRE OS EDIFÍCIOS*, DE PROCÓPIO DE CESAREIA

Neste trabalho visamos compreender as construções do complexo portuário da cidade de Constantinopla, em especial as termas *Arcadianae* e os abrigos costeiros que, à época do governo de Justiniano I (527-565), permitiram uma revitalização do espaço urbano e serviram de atração para pessoas que estabeleciam relações comerciais em Bizâncio. Para tanto, recorreremos ao documento *Sobre os Edifícios*, de Procópio de Cesareia, em especial o livro 1. Para a análise dessas edificações, pertencentes ao que poderíamos denominar de complexo portuário, utilizaremos o conceito de hospitalidade de Lúcio Grinover e o conceito de sociabilidade, segundo Heitor Frúgoli Jr. Como método, recorreremos à análise de conteúdo, de Laurence Bardin a fim de verificar de que modo essas construções portuárias específicas significaram uma modificação do convívio entre os indivíduos que passavam por Bizâncio, aproximando as pessoas graças a um novo espaço urbano criado no contexto do governo de Justiniano I. Mesmo em uma sociedade heterogênea, formada por uma diversidade de povos e línguas, observa-se a existência de uma cidade relacional baseada na interação de seus indivíduos e facilitada por esses importantes espaços políticos e culturais.

Thiago Henrique dos Passos Felix (Leir/Ufes)

ALEXANDRE MAGNO E A DESTRUIÇÃO DAS CIDADES COMO ESTRATÉGIA DE DOMÍNIO TERRITORIAL SOBRE A *OIKOUMENE*: UM ESTUDO COM BASE EM DIODORO SÍCULO

O período helenístico foi marcado pela intensa atuação de Alexandre Magno na construção do Império Universal. Dentre as estratégias de domínio dos territórios orientais implementadas por Alexandre, temos aquilo que podemos qualificar como uma política urbana, que implicou ao mesmo tempo um movimento de destruição e de construção de cidades. Tomando como documentação primária impressa a obra *História Universal*, de Diodoro Sículo, pretendemos analisar a relação mantida por Alexandre com os territórios do Oriente, tendo como referência as experiências de aniquilamento das cidades que se mostraram rebeldes diante do conquistador.

Viviane Cabral de Souza (Ufes/Leir)

OS MARTÍRIOS DA PALESTINA, SEGUNDO EUSÉBIO PÂNFILO: UM ESTUDO À LUZ DAS EVIDÊNCIAS JURÍDICAS DOS ÉDITOS DE PERSEGUIÇÃO DA TETRARQUIA

A presente comunicação intenciona apresentar os resultados e discussões produzidos em nosso segundo ano no Programa de Iniciação Científica/UFES (2018-2019), período em que analisamos as particularidades dos martírios de cristãos na região da Palestina, mormente na cidade de Cesareia Marítima, a partir da análise da obra *Sobre os Martírios da Palestina*, o qual narra a visão dos fatos sob a perspectiva de *Eusébio Pânfilo*, então discípulo de um dos martirizados. Como metodologia, utilizamos a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2016) aplicada na construção de um complexo categorial de onde selecionamos os dados principais para esta

comunicação. De mesmo modo, empregamos os conceitos de “representação” (CHARTIER, 2002), “cidade/lugar” (TUAN, 1997) e “sagrado” (CAILLOIS, 1979), ao buscarmos compreender a visão de mundo de Eusébio em relação aos mártires, dentre os quais autoridades eclesiásticas de cidades próximas à Cesareia; as penalidades aplicadas sob a lei romana e os espaços físicos em que ocorreram; sua importância no documento estudado e o conflito entre o poder imperial a partir dos editos e a representação deste poder para os cristãos.

EMENTA DO CURSO “DIÁLOGOS DE HISTÓRIA ANTIGA: ARQUEOLOGIA, CIDADE E TERRITÓRIO”

Aula 1: A Arqueologia Clássica como fonte da História Antiga: métodos, problemáticas e narrativas

Profa. Dra. Maria Manuela Martins

1. *Breve introdução à Arqueologia.* Alguns conceitos. O processo arqueológico. A metodologia arqueológica. Os sítios arqueológicos: o que são e como se formam. O registo arqueológico e as suas categorias. O carácter interdisciplinar da Arqueologia.

2. *A Arqueologia Clássica como domínio especializado da Arqueologia.* A evolução da disciplina. O Humanismo renascentista e o despertar do interesse pelas antiguidades romanas. A centralidade de Roma e o papel dos colecionadores e antiquários. A viragem setecentista: a descoberta arqueológica de Pompeia e Herculano e a busca da Grécia clássica. A Arqueologia Clássica dos séculos XIX e XX: a sistematização do saber, a afirmação científica da disciplina e a profissionalização da Arqueologia. Métodos e problemáticas. A construção do tempo e os seus métodos. A construção do espaço, dos usos e da sociedade.

3. *As narrativas do passado clássico.* Os ideários nacionalistas e as perspectivas coloniais e pós-coloniais. A globalização e a ‘patrimonialização’ do mundo clássico no século XXI

Aula 2: Breve introdução à Arqueologia Medieval: metodologias e perspectivas

Prof. Dr. Luís Fontes

1. *Enquadramento disciplinar.* A arqueologia medieval como disciplina que pretende produzir conhecimento histórico sobre o período que,

na Europa, se convencionou designar por Idade Média e que se baliza cronologicamente entre os séculos V e XV da nossa Era.

2. *Arqueologia e História Medievais: relações e especificidades.* Existe uma evidente relação entre Arqueologia e História, que decorre do necessário recurso às fontes escritas por parte dos arqueólogos que investigam o período medieval e, conseqüentemente, do necessário conhecimento das problemáticas históricas associadas. Portanto, ao arqueólogo medieval exige-se que domine as metodologias de recolha e análise de dados arqueológicos, incluindo o recurso a instrumentos analíticos das áreas das ciências naturais e exatas, que tenha competências ao nível da leitura crítica da documentação escrita e que possua uma formação histórica sólida.

3. *Áreas de interesse e objetivos.* Considerando as atuais tendências de investigação em arqueologia, poderá afirmar-se que em arqueologia medieval não existem domínios que não possam ser objeto de estudo. Não deve ignorar-se, porém, que existem limites ao nível do conhecimento a que se pode aceder por 'via arqueológica', os quais resultam tanto das limitações das fontes (arqueológicas ou escritas) como da complexidade das interpretações possíveis ou ainda das perspetivas teóricas de abordagem.

4. *Questões metodológicas.* No último terço do século XX, o refinamento dos métodos de pesquisa e das técnicas de análise em arqueologia medieval desempenharam um papel fundamental na definição dos objetivos da investigação. Metodologias e objetivos de investigação são inseparáveis. A perspetiva contextual das abordagens em arqueologia medieval determina o seu carácter multidisciplinar, exigindo uma efetiva colaboração com outras disciplinas e com as ciências técnicas e naturais, como a História, a História da Arte e

Arquitetura, a Geografia, a Antropologia Física, ou a Paleobotânica. O maior ou menor estreitamento das relações interdisciplinares decorre mais das problemáticas definidas previamente no desenho do projeto de investigação e menos de uma qualquer dependência ou subordinação disciplinar.

Aula 3: Da escavação e registo à interpretação arquitetónica: as 'domus' romanas

Profa. Dra. Fernanda Magalhães

1. *O processo de análise da informação arqueológica.* A informação dos registos de campo e a sua sistematização. O uso das bases de dados e dos sistemas de informação geográfica. A datação a partir da estratigrafia e do estudo dos materiais.

2. *Introdução à interpretação arqueológica: temporalidades e espacialidades.* Avaliação da sequência de ocupação das áreas arqueológicas e a sua representação gráfica. A produção de diagramas estratigráficos e de plantas interpretadas das diferentes fases de ocupação. A contribuição das novas tecnologias.

3. *A descrição e representação do conhecimento.* A descrição das características arquitetónicas, construtivas e funcionais das *domus* romanas. O tratamento das plantas e a representação dos espaços. A criação de modelos 3D como instrumento para estudar e melhor compreender o urbanismo e a arquitetura romana.



Entre os dias 19 e 21 de novembro de 2019 ocorrerá, no campus da Ufes, em Goiabeiras, o VIII Encontro do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Seção ES): "Espaço, conflito e identidade no Mundo Antigo", uma atividade do Leir/ES em parceria com a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Portugal.

O Encontro ocorrerá no Auditório do IC II do Centro de Ciências Humanas e Naturais. Na oportunidade, contaremos com a presença de integrantes da equipe de Arqueologia Clássica da Universidade do Minho, além dos próprios membros do Leir/ES. O evento conta com o apoio do Programa de Pós-Graduação em História da Ufes e da Capes.

Por intermédio do tema escolhido, "Espaço, conflito e identidade no Mundo Antigo", pretende-se investigar as múltiplas funções desempenhadas pelo espaço entre gregos e romanos, tanto em contexto público quanto em contexto privado, além de sua relação com situações de conflito e a criação e reforço de identidades. Dentre as atividades previstas para o Encontro encontra-se a oferta de um minicurso sobre a Arqueologia e seus métodos aplicada à reconstrução e análise das paisagens antigas, a ser ministrado pelos Profs. Drs. Maria Manuela Martins, Luís Fontes e Fernanda Magalhães, da Universidade do Minho.

